

Editorial

Nossa sociedade só se reproduz reafirmando brutalmente a existência de senhores, por um lado, e de escravos, por outro; de brasileiros e inimigos da pátria; de cidadãos e de marginais; de humanos e de “coisas”. O latifúndio escravista é uma estrutura social que se perpetua mesmo após seu ocaso como célula econômica de produção. Ele é a alma do capitalismo brasileiro, em todas as suas fases. Essa lógica do latifúndio escravagista implica não apenas desumanização, mas extermínio, apagamento e esquecimento. (Centelha, Ruptura).

Era uma vez um Instituto de Pesquisa, o Instituto de Saúde. Uma instituição pública localizada no bairro do Bixiga, centro de São Paulo, em que todos os dias, em frente à sua fachada, sob a marquise, pessoas dormem em absoluto abandono. Sobre papelões, em meio a marmitas de isopor ou alumínio — “quentinhas” frias — corpos feridos, doentes, solitários ali permanecem, esquecidos no sonho de triunfo da metrópole. Todas as manhãs, essas pessoas, em geral homens, se levantam para que a vida “normal” possa prosseguir.

Nós nos reunimos nesta edição para falar da vida dessas pessoas — esquecidas pela família, apartadas da vida social, perseguidas pelas forças de segurança e não incluídas em projetos políticos.

O objetivo desta publicação é problematizar o fenômeno acelerado do empobrecimento e desigualdade que o povo brasileiro vem sofrendo e, como em nenhum outro momento histórico, vem provocando um desenfreado crescimento da população em situação de rua.

É mais que oportuno refletir sobre a saúde da população em situação de rua no Brasil, um país com enorme diversidade e com uma histórica tradição colonial e escravocrata que traz até hoje, como legado mais explícito, o racismo estrutural. Em 2023, após um período de crise econômica fruto de políticas desastrosas e da pandemia da covid-19, o país foi atingido por graves repercussões nas condições de vida de uma sociedade patrimonialista e excludente, que jamais reconheceu as necessidades humanas básicas do seu povo. Pioraram os indicadores sociais e de saúde da população afrodescendente, houve um aumento de idosos abandonados nas ruas, drogadição, o que mostra claramente a falta de equidade em saúde e a liquefação das políticas de bem-estar. As mulheres que vivem em situação de rua tornaram-se mais vulneráveis à violência sexual, de gênero e todo tipo de abusos. Os direitos da população LGBTQIA+ são violados, mais pessoas agredidas e assassinadas.

Apesar das políticas públicas existentes no SUS, como a Política Nacional de Saúde Integral da Mulher, Política Nacional de Saúde da População Negra, Política Nacional de Saúde Integral LGBT e Política Nacional para a População em Situação de Rua, a exclusão persiste e se multiplica. O sofrimento das pessoas é naturalizado e invisibilizado. Certamente, o SUS, ao rever seu trajeto de 35 anos, terá que pensar estratégias intersetoriais de envolvimento e atenção à saúde que considere os determinantes sociais e de doenças específicos para os vários segmentos que coexistem no espaço das ruas.

Reunimos nesta edição uma diversidade de olhares — autores com expertise e sensibilidade sobre o tema população em situação de rua.



Cada um a seu modo, teve a tarefa de descortinar mundos. Trata-se aqui, antes de tudo, de pensar a produção do saber em pesquisa como potência capaz de nos aproximar da vida, farejá-la, identificá-la, repercutindo seus contrastes, sutilezas e intensidades. Dessa perspectiva, o pensamento e a pesquisa são vistos como pontos de inflexão, a partir dos quais se dá uma lógica de encontros com a vida, suas dificuldades, destemperos, inacessibilidades. Nessa reflexão, estamos confinados a alternâncias, certezas e incertezas para alcançarmos pequenos sucessos na leitura da realidade.

Trata-se aqui de falar sobre a vida das pessoas, entrar em seus pensamentos como se entra nos mistérios de uma casa e nos múltiplos universos dos seus cômodos para tentar operar rearranjos possíveis, com argumentos de esperança, companheirismo, longe de formulações meramente retóricas. Pois é preciso oferecer a quem vive novos modos de criar e sonhar; é preciso conceber outras formas de “viver junto”.

Assim, entende-se que participar corajosamente do artesanato da vida é viver com a certeza de que o mundo real, opaco e desleal com os viventes é apenas um entre uma infinidade de mundos possíveis.

Convidamos todos a ler os textos a seguir, percebendo suas relações íntimas e secretas com

a vida, concebendo a pesquisa como uma constante experimentação de nós mesmos junto com as pessoas, o que requer mergulhos existenciais em teorias, suposições e descompassos intelectuais — uma perseguição de tirar o fôlego, permanente e inacabada. Nesse sentido, acreditamos também numa relação visceral com a escrita que se deseja como acréscimo espontâneo e fluido do mundo, uma ressonância de ideias novas, cuidadosas e empolgantes do pensamento. Acordar para novas formas de viver a palavra é o que pressupõe se aventurar pelas paisagens da escrita. Realidades textuais questionam, validam, gritam e calam. É com a palavra que se recupera a força, o impulso vital do conhecimento para torná-lo, sobretudo, um encontro com o espanto de quem lê.

Isso significa pensar com outras dimensões, sobre elas, através delas, na tentativa de capturar as formas pelas quais decidimos participar ou não da emancipação dos mundos que habitamos – essa é a questão que faz estremecer todo o resto.

Editoras Científicas

Monique Borba Cerqueira^I

Silvia Helena Bastos de Paula^{II}

^I Pesquisadora Científica V do Instituto de Saúde, órgão da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, com atuação no Núcleo de Práticas de Saúde. Bacharel e licenciada em Ciências Sociais (UERJ). Mestre em Sociologia (UNICAMP). Doutora em Políticas Sociais e Movimentos Sociais – Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social (PUC/SP). Pós-doutorado em Ciências Sociais (PUC/SP). Membro do Grupo de Pesquisa do CNPq Condições de Vida e Situação de Saúde, integrante da linha de pesquisa Condições de Vida e Vulnerabilidade. É autora, entre outros, do livro “Pobres, Resistência e Criação”, editado pela Cortez Editora - obra indicada ao Prêmio Capes de Teses. Desenvolve atividades de ensino e pesquisa em Ciências Sociais e Saúde Coletiva, a partir de um eixo de estudos socioantropológicos sobre pobreza, populações socialmente vulneráveis e modos de envelhecer na contemporaneidade.

^{II} Pesquisadora Científica VI do Instituto de Saúde, órgão da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, com atuação no Núcleo de Práticas de Saúde. Enfermeira e educadora licenciada em Pedagogia, pós-doutorado em Saúde Coletiva (UECE), doutora em Ciências com Concentração em Infectologia e Saúde Pública (PPG-CCD), mestre em Saúde Pública (UFCE), especialista em Saúde Pública (UFCE) e em Gestão de Sistemas de Saúde (Cooperação Técnica Italiana e ESP-CE). Desenvolveu projeto de Avaliação de Implementação de Estratégias de TV/HIV pela OPAS/SES Ceará. Co-coordenou projetos de avaliação de implementação de monitoramento on-line de DANT com apoio da Fapesp e em parceria com CPT da Universidade Mogi das Cruzes, desenvolveu projetos de investigação sobre Contracepção de Emergência em Farmácias de São Paulo, pela Associação Saúde da Família, e com apoio do Ministério da Saúde e da Fundação Elton John. Desenvolveu pesquisas de implementação da Política de Contracepção no Estado de São Paulo pela SES-SP. Realizou consultorias de implementação de projetos de prevenção de transmissão Vertical do HIV na África e Caribe pelo Family Health Internacional. Publicou vários livros e artigos atinentes à difusão do estudo e pesquisas realizados. É Conselheira de Saúde Titular da Supervisão Técnica da Sé – SUS/São Paulo.